

ler

por: Ana Duarte Monteiro

Nesta edição deixámo-nos levar pelo esplendor, originalidade e talento de dois grandes nomes da Literatura nacional. Um texto inédito e um texto incontornável. Passamos agora a dificuldade para as mãos do leitor, que terá que decidir por qual das sugestões se deixará seduzir primeiro... Boas leituras!

Lavagante ■ José Cardoso Pires

(...) Curiosidade. Pôr à prova um olhar, descobrir (melhor: verificar) um corpo que se imagina, aí está o que é a curiosidade do homem em certa altura da vida. Daniel sabia isto, conversámos sobre o assunto várias vezes. Duma delas recordo-me de o ter ouvido:

- Ao fim e ao cabo, as mulheres é que escolhem o momento e os termos da ofensiva. Meditam tudo em casa e passado tempo acabam por confessar: "Naquele dia, sabes, eu tinha resolvido..." (...)

(...) naquele dia, 2 de Maio, a multidão da Baixa andava alheia aos céus e às águas luminosas do Tejo: olhava as fachadas dos edifícios salpicadas de balas. Operários dos subúrbios e casais de vida repousada desceram, curiosos, dos seus bairros para visitarem as ruas onde se tinham dado os motins da véspera. Apesar dos comunicados do Governo, apesar das patrulhas e dos quartéis armados até aos dentes, a revolta rompera no coração da cidade à hora marcada pelos microfones clandestinos (...)

(...) "Sei o que joguei, meu amor", lê-se, entre outras coisas, numa carta escrita há uma semana por Cecília. "Mas eu não podia suportar por mais tempo a ideia de estares fechado numa prisão, tu que tanto gostas de viver (...)"

Este texto nunca foi publicado em livro.

Uma sua primeira (?) versão, muito reduzida, foi publicada em Dezembro de 1963, no n.º1 da revista *O Tempo e o Modo*, pág. 30 (edição da Livraria Moraes Editores, Lisboa), com o título "Um Lavagante e Outros Exemplares", com a menção, em Nota de Redacção, de que se tratava de "(...) um capítulo do seu próximo romance, ainda provisoriamente sem título".

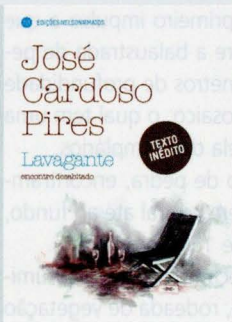
Existem outras versões, manuscritas, sem data, uma delas com o título "O Lavagante e a Mulher do Próximo".

Existem algumas versões dactilografadas, também sem datas.

Todas indiciam, pelas emendas, serem posteriores ao texto publicado em 1963.

É também possível perceber que se trata de um texto anterior a *O Delfim*, publicado pela primeira vez em 1968, pela Livraria Moraes Editores.

Talvez se possa concluir que se trata de um texto cujo trabalho de escrita, tal como se apresenta nesta versão final dactilografada directamente pelo Autor, foi sendo elaborado ao longo de vários anos, mais ou menos entre 1963 e 1968.



Editora: Edições Nelson de Matos